

PENSANDO A SUSTENTABILIDADE EM CORRIDAS DE AVENTURA

THINKING ABOUT SUSTAINABILITY IN ADVENTURE RACES

Carolina T. Bartoletti*, Teresa Cristina Magro

Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz - Universidade de São Paulo, Piracicaba, SP, Brasil

Submetido em: 20-01-2016

Aprovado em: 22-04-2016

***Carolina T. Bartoletti**

Mestre em Ecologia Aplicada pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Ecologia Aplicada do CENA/ESALQ-USP. (CEP 13418-900 – Piracicaba, SP, Brasil).

E-mail: carolina.bartoletti@usp.br

Endereço: Av. Pádua Dias, 11 - 13418-900 – Piracicaba, SP, Brasil.

Teresa Cristina Magro

Doutora em Ciências da Engenharia Ambiental pela Universidade de São Paulo. Professora do Departamento de Ciências Florestais da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo.

E-mail: teresa.magro@usp.br

RESUMO

Corrida de Aventura é um multiesporte de resistência aeróbica e força de alta demanda física que combina diferentes modalidades esportivas em competições que podem durar de horas a dias, caracterizando uma expedição. As Unidades de Conservação abertas ao uso público, como é o caso dos Parques Nacionais e Estaduais, são comumente cenários para esse tipo de evento esportivo, entre outros. O crescente fluxo de visitantes (praticantes e espectadores dos eventos) em áreas naturais e o conseqüente aumento da pressão antrópica desporto-recreativa sobre os ecossistemas, causam preocupação com os impactos negativos que podem ser gerados por esses eventos em ambientes naturais. O objetivo deste artigo de revisão é buscar referências de eventos de Corrida de Aventura no Brasil que são organizados com estratégias de planejamento que visam minimizar tais impactos. Em alguns casos não fica claro como as ações de fiscalização durante os eventos são feitas, o que requer cuidados que devem ser tomados no sentido de melhor organizar as Corridas de Aventura, desde a etapa de planejamento dos eventos, considerando as realidades da demanda pelo uso público recreativo e dos objetivos de conservação das Unidades de Conservação brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: Corridas de Aventura; Gestão de Eventos Esportivos; Uso Público; Unidades de Conservação.

ABSTRACT

Adventure Races are an endurance multisport composed of several physical activities. Races may endure hours or days, featuring outdoor expeditions. Natural protected areas opened to the general public, such as National or State Parks, are often settings for Adventure Races. The increasing flow of visitors (athletes and spectators) to natural protected areas and the stress they may impose on ecosystems raise concerns about how to organize Adventure Races so that the events may attend both the public demand in use and the objectives of conservation in natural protected areas. In this review article references of Adventure Races being organized in Brazil with planning strategies, such as rules and penalties against social and environmental damage, were researched. It was found that ever since the introduction of the sport in the country efforts to organize what could be understood as more sustainable events were made. However it is not always clear how monitoring of these events is done so that the rules and penalties against social and environmental damage may apply, which points out to better care and concern while planning and organizing Adventure Races.

KEYWORDS: Adventure Races, Recreation Ecology, Natural Protected Areas, Public Use, Sports' Management.

1 INTRODUÇÃO

O tema deste artigo é o uso público recreativo em Unidades de Conservação no Brasil por meio de eventos de Corrida de Aventura. A pesquisa bibliográfica e documental compreendeu aspectos da organização desses eventos no que tange a regulamentos e outras formas de planejamento das corridas que objetivam minimizar potenciais impactos socioambientais atrelados à organização desses eventos.

Para contextualizar os antecedentes legais, vale ressaltar que existem dois grandes grupos de áreas naturais protegidas no Brasil de acordo com a Lei n. 9.985/00, responsável pela criação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC):

- Áreas de **Unidades de Uso Sustentável** - Buscam compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcelas dos seus recursos naturais (como nos casos de Reservas Extrativistas e Florestas Nacionais);
- Áreas de **Unidades de Proteção Integral** - Têm como objetivo básico preservar a natureza admitindo apenas o uso indireto dos seus recursos por meio de atividades diversas como, por exemplo, a pesquisa científica, a educação ambiental e o uso recreativo. (Lei n. 9.985, 2000)

Em algumas categorias das Unidades de Conservação de Proteção Integral, se assim estiver previsto no seu Plano de Manejo, podem acontecer atividades de recreação e lazer ao ar livre entendidas como mais adequadas às condições específicas do ecossistema e entorno social da unidade de conservação. Atividades esportivas que subentendem competições não fazem parte dos objetivos finalísticos das unidades de conservação, mas podem ser desenvolvidas nesses espaços na forma de eventos esporádicos, mediante uma permissão específica para cada evento (Lei n. 9.985, 2000).

À primeira vista isso pode parecer uma limitação administrativa para a ocorrência de eventos esportivos na natureza, mas ao analisar o caso das pesquisas científicas, por exemplo, vê-se que, apesar destas serem um dos principais objetivos finalísticos das unidades de conservação de proteção integral, toda nova pesquisa precisa também de aprovação e permissão para ser desenvolvida nessas áreas. Isso é feito para garantir que os objetivos da conservação do ambiente sejam atingidos.

Como as Corridas de Aventura e outras manifestações esportivas e recreativas acontecem nas Unidades de Conservação (que fazem parte da categoria de Proteção Integral, como Parques Estaduais e Nacionais), aumenta a preocupação em manter essas áreas naturais protegidas e fazer com que sejam utilizadas de forma apropriada, uma vez que é sabido que atividades recreativas têm potencial para afetar o solo, a vegetação, a fauna e os recursos hídricos (Hammit & Cole, 1998; Manning, 2009; Newsome, Lacroix, & Pickering, 2011).

Dentre os impactos no solo destacam-se a erosão ou compactação pelo contínuo tráfego de pessoas, animais ou equipamentos como bicicletas. Magro (1999) afirma que as características do solo mais relacionadas ao impacto do uso recreativo são a compactação, a drenagem e a erodibilidade. Mesmo assim, a autora ressalta que a compactação pode ser considerada uma consequência inevitável do uso pelos visitantes, sendo uma preocupação maior quando estiver associada à alta declividade.

A fauna também pode ser afetada pelo distúrbio causado por um grande número de visitantes nos parques durante períodos reprodutivos ou de alimentação. Os corpos hídricos são afetados pelo maior depósito de sedimentos da erosão do solo ou pela deposição inadequada de maiores quantidades de lixo e esgoto (Hammit & Cole, 1998; Manning, 2009; Newsome et al., 2011).

A magnitude de um impacto recreativo decorre do tipo de uso público (modalidade esportiva, frequência, intensidade e distribuição espaço-temporal do uso) e das condições ambientais que constituem os ecossistemas, como por exemplo, microclima, componentes orgânicos e inorgânicos

do solo, espécies vegetais mais ou menos resistentes ao pisoteio e outras variáveis ecológicas (Hammit & Cole, 1998; Newsome et al., 2011; Roncero-Siles, 2009).

No caso das Corridas de Aventura, o ex-presidente do extinto Instituto Estadual de Florestas (IEF, atual INEA – Instituto Estadual do Ambiente) do Rio de Janeiro, André Ilha, destacou que os impactos ambientais de eventos desse tipo não são muito diferentes dos impactos de um dia com visitação turística intensa, e que o problema reside em abrir antecedentes legais autorizando a realização de eventos que não se comprometem com a conservação da Unidade de Conservação e não levam a termo os acordos de uso do espaço e de compensação socioambiental (Lobo, 2007).

Ademais, se comparadas aos esportes de aventura motorizados, por exemplo, como os *rallys 4x4* e provas de *moto cross*, as Corridas de Aventura certamente geram impactos ambientais de menor proporção e trazem ainda o impacto positivo de, efetivamente, colocar as pessoas em contato físico com os ambientes naturais, ao invés de propiciar um contato mediado por veículos que implica que a natureza é apenas uma paisagem.

Ainda assim, é razoável considerar que os potenciais impactos negativos decorrentes de uma Corrida de Aventura se somem devido à combinação das diversas modalidades que compõem o esporte. Estas podem variar, mas costumam ser *mountain bike*, canoagem (ou caiaque), técnicas verticais de ascensão ou descida, orientação por mapas e bússolas, e *trekking*. Dependendo do evento e do local podem ainda ser inclusas travessias a nado, *trekking* montado (em cavalos, lhamas e outros animais), esqui e outras modalidades esportivas (Bitencourt & Amorim, 2006; Newsome et al., 2011).

Além disso, uma característica do esporte é, devido ao componente da orientação, passar por percursos sugeridos, mas não necessariamente demarcados na malha de trilhas da Unidade de Conservação (Kay & Laberge, 2002), o que pode agravar os impactos de pisoteio da vegetação, disseminação de sementes de espécies invasoras e formação de trilhas informais.

Por essas razões, o objetivo desta pesquisa foi verificar a existência de estratégias manifestas pelas empresas organizadoras de Corridas de Aventura, seja no regulamento ou planejamento dos eventos, para minimizar o potencial de impactos socioambientais do esporte.

2 METODOLOGIA

Neste artigo, foi utilizada uma abordagem qualitativa por meio da revisão bibliográfica de estudos de caso, os quais são indicados quando o pesquisador procura investigar fenômenos específicos da realidade contemporânea que permitem incluir como fontes de evidência, observações da realidade e entrevistas com os sujeitos envolvidos nos eventos (Yin, 2010).

Foi selecionada a análise de casos múltiplos desde a introdução das Corridas de Aventura no Brasil, em 1998, para uma compreensão retrospectiva e abrangente de como esses eventos vêm sendo organizados no que diz respeito a ações de planejamento voltadas à minimização e compensação de possíveis impactos socioambientais.

A pesquisa caracterizou-se, quanto aos fins, como de caráter exploratório e descritivo do cenário brasileiro em organização de eventos de Corridas de Aventura.

Quanto aos meios foram combinadas as pesquisas bibliográfica e documental. Os materiais utilizados como base para a revisão bibliográfica foram selecionados por meio da plataforma eletrônica do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo (Sibi-USP) e do banco de dados virtual ScienceDirect.com, com filtragem das palavras-chave: Lazer, Esporte e Recreação na Natureza, e Corridas de Aventura.

Na pesquisa documental, regulamentos de Corridas de Aventura já realizadas no Brasil e no exterior foram selecionados, também a partir de ferramentas de busca virtual, e analisados buscando itens relacionados a penalidades para atletas que degradam o meio ambiente durante as competições

esportivas, além de outros itens que pudessem servir como indicadores de preocupação socioambiental por parte da organização dos eventos.

A coleta de dados foi realizada entre março de 2014 e dezembro de 2015.

3 CORRIDAS DE AVENTURA: HISTÓRIA, ATLETAS E ORGANIZADORES

A história da origem das Corridas de Aventura é relativamente controversa. Alguns autores creditam seu surgimento ao início da década de 1980 na Nova Zelândia (Paterson, 1999; Kay & Laberge, 2002). Outros, ao final de 1980, também na Nova Zelândia (Spink, Aragaki, & Alves, 2005; Alves & Almeida, 2009). No Brasil, o primeiro evento do gênero foi a Expedição Mata Atlântica em 1998, que contou, já na época, com trinta equipes participantes (Alves & Almeida, 2009).

Há ainda quem credite o surgimento das Corridas de Aventura ao francês Patrick Bauer que, em meados de 1980, percorreu mais de 300 km a pé no deserto do Saara e, posteriormente, criou a Marathon de Sables que, atualmente, acontece no Marrocos e dura em média sete dias com um percurso de 230 km a pé (Bitencourt & Amorim, 2006).

Entretanto, seja qual for a origem do esporte, os pontos comuns dos eventos de Corrida de Aventura são o espírito aventureiro e expedicionário dos atletas participantes e o desejo de testar seus limites físicos e mentais em um meio natural (Bitencourt & Amorim, 2006; Newsome et al., 2011).

As modalidades esportivas que integram as competições de Corrida de Aventura estão diretamente relacionadas à natureza. Alguns exemplos são a orientação por meio de bússolas e mapas, o *trekking*, a equitação, o rapel, a natação em águas abertas, a canoagem, o canionismo, a escalada, o *rafting*, a *mountain bike*, entre outras que são selecionadas e adaptadas às competições conforme os critérios da empresa organizadora e das condições geográficas locais (Bitencourt & Amorim, 2006).

Pela revisão da literatura pode-se identificar dois perfis básicos entre os organizadores desses eventos: uma parte são empresários que já praticavam o esporte no exterior e trouxeram a novidade ao Brasil (Ferreira, 2003; Bitencourt & Amorim, 2006); a outra parte compõe-se de profissionais da Educação Física e do Esporte que veem na atividade uma boa oportunidade profissional.

Os atletas, muito mais pesquisados pela área acadêmica em relação às suas motivações para a prática (Ferreira, Andrade, & Portela, 2005, McMaster, 2003; Muradás & Burgos, 2008), perfil psicológico, socioeconômico (Ferreira et al., 2005) e nutricional (Muradás & Mattos, 2009), são pessoas que, normalmente, já praticavam algum esporte ao ar livre e apreciavam o contato com a natureza.

Um exemplo desse fato é o relato de um sujeito-atleta, pós-graduando em Ciências Biológicas, na pesquisa de mestrado de Ferreira (2003, p. 18):

As corridas de aventura originaram-se das atividades de aventura [...] Acho que todo mundo que participa de corridas de aventura, já fazia algum tipo de esporte *outdoor*, ou fazia alguma atividade relacionada à natureza, seja ela uma caminhada, um “role” de *bike*, ou pegar a prancha para surfar umas ondas no litoral [...].

Alves e Almeida (2009) afirmam que, com relação aos atletas das Corridas de Aventura, não existe ainda uma homogeneidade de perfil, embora a tendência observada pelos autores tenha sido a de uma crescente participação de atletas profissionais, principalmente em corridas de grande porte como a Ecomotion Pro. Todavia, há também atletas que têm patrocínio, mas exercem outras atividades profissionais, equipes formadas por amigos sem patrocínio que já praticavam alguma atividade de aventura por lazer e atletas amadores motivados por modismos que são, normalmente, integrantes de classes com alto poder aquisitivo e buscam algo novo para consumir.

As Corridas de Aventura podem ser consideradas, nas palavras de Pociello (1994), como parte de um fenômeno de “ecologização” ou “aventuração” dos esportes e atividades recreativas ao ar livre, parte de uma crescente demanda por espaços e atividades de lazer em áreas naturais. Ou, nas palavras de Arnegard e Sandell (2012), uma “esportivização” do uso público de áreas naturais com motivações mais competitivas que contemplativas.

No Brasil, em 2012, foi registrada oficialmente a Confederação Brasileira de Corrida de Aventura (CBCA, 2013), o calendário de etapas regionais válidas para o Campeonato Brasileiro que contou com quinze eventos anuais, além de provas de escopo internacional que foram realizadas no Brasil, como a Ecomotion Pro (Alves & Almeida, 2009), e eventos de abrangência mais local promovidos por empresas não registradas na CBCA.

Contudo, algumas fontes relatam que não seria necessária a preocupação com a organização das Corridas de Aventura no Brasil, pois o esporte já passou pelo processo de ascensão da demanda e atualmente enfrenta um declínio no número de participantes¹.

Outras fontes, porém, apontam para um movimento contrário para um rejuvenescimento do esporte, com o Brasil tendo sediado, pela segunda vez, o Campeonato Mundial de Corrida de Aventura em 2015, no Pantanal (Liga Outdoor, 2015) e corridas que parecem superar a expectativa de inscritos, como revela a *website* especializada em eventos esportivos de aventura Adventuremag.com.br:

O Haka Race abriu sua temporada 2015 no último sábado, 07 de março, em Socorro (SP) com um recorde de participantes. Foram 470 atletas, maior número de participantes da história do circuito. (Adventuremag, 2015a)

A Adventuremag divulgou ainda 58 eventos de Corrida de Aventura planejados no Brasil, entre os meses de março a dezembro/2015, componentes de 21 circuitos de prova estaduais, municipais ou mundiais (Adventuremag, 2015b). Esses eventos são detalhados na Tabela 1.

O próprio Campeonato Mundial de Corrida de Aventura, AR World Championship, no Pantanal, foi um megaevento com duração média de sete dias e 800 km de distância percorridos. Foi prevista, na época de divulgação, a participação de mais de 400 atletas e 700 espectadores, além de jornalistas (Liga Outdoor, 2015). A *website* oficial do evento divulgou, posteriormente, a participação de 33 equipes de 16 nacionalidades, totalizando 132 atletas (AR World Championship, 2015a), conforme mostra a Figura 1.

A divulgação pré e pós-evento de imagens publicitárias fortemente vinculadas ao imaginário das pessoas quando se menciona temas como a aventura em ambientes naturais, pode aumentar a procura desses espaços, não como locais cujo objetivo final é a conservação ambiental, mas apenas para a realização de esportes de aventura. Isso pode criar uma visão eminentemente utilitarista a respeito das áreas naturais protegidas.

Tabela 1

Calendário de Corridas de Aventura 2015

EVENTO	ETAPA	LOCAL	DATA	DISTÂNCIA (KM)	CARACTERÍSTICA DO PERCURSO
Ultramacho	1a	Jaciara - MT	6, 7, 8 de Março	30 ou 50	-
Haka Mini Race	1a	Socorro - SP	07 de Março	15	Urbano e Rural
Haka Race	1a	Socorro - SP	07 de Março	35 ou 50	Urbano e Rural
Odisséia Corrida de Aventura	1a	Pernambuco	07 e 08 de Março	110	-
Circuito Sta. Cruz de Aventura	1a	Parque da Santa Cruz - RS	07 e 08 de Março	20, 30 ou 50	Urbano e Rural
Essa é nossa Vida	-	Presidente Nereu - SC	14 e 15 de Março	30 ou 60	-
Noite do Perrengue	-	Costa do Sauípe - BA	21 de Março	50	-
Ecomaverick Penedo	-	Itaiaia - RJ	21 de Março	30 ou 80	-
Circuito Aventure-SE de CA	1a	Barra dos Coqueiros - SE	29 de Março	40	-
CARI - Sol do Salitre	-	Juazeiro - BA	11 e 12 de Abril	50	-
Campeonato Capixaba de CA	1a	Anchieta - ES	18 de Abril	a definir	-
CICA - Mandacaru	-	Feira de Santana - BA	19 de Abril	60km	-
Circuito PRO Adventure	1a	Londrina - PR	19 de Abril	a definir	-
Circuito Aventure-SE de CA	2a	a definir	01 de Maio	40	-
Haka Expedition	1a	Botucatu - SP	01 a 03 de Maio	100 ou 200	-
Ultra ADV	1a	Pindamonhangaba (SP) - Serra da Quebra Cangalha	16 de Maio	20 ou 50	-
Eco Race Botuverá	-	Botuverá - SC	16 e 17 de Maio	25 ou 50	-
10ª Corrida de Aventura Papacorrida	-	Venâncio Aires - RS	16 e 17 de Maio	a definir	-
Haka Mini Race	2a	Jacareí - SP	30 de Maio	15	-
Haka Race	2a	Jacareí - SP	30 de Maio	35 ou 50	-
ACAERJ	-	Itaipuaçu - RJ	31 de Maio	80	-
Ultramacho	2a	Chapada dos Guimarães	5, 6, 7 de Junho	30 ou 50	-
Expedição Xokleng	-	a definir - SC	06 de Junho	a definir	-
Circuito Sta. Cruz de Aventura	2a	Parque da Oktoberfest - RS	06 e 07 de Junho	20, 30 ou 50	Urbano e Rural
CICA - Peleja	-	Feira de Santana - BA	13 de Junho	a definir	-
Campeonato Capixaba de CA	2a	Vitória - ES	20 de Junho	a definir	-
Gralha Azul	2a	Guaratuba - PR	20 e 21 de Junho	140	-
CARI - Casco de Peba	-	a definir	20 e 21 de Junho	110	-
Circuito PRO Adventure	2a	Londrina - PR	12 de Julho	a definir	-
Odisséia Corrida de Aventura	2a	Paraíba	18 e 19 de Julho	a definir	-
Circuito Aventure-SE de CA	3a	a definir	19 de Julho	a definir	-
Bituin Urubici	-	Urubici - SC	25 e 26 de Julho	40 ou 100	-
Haka Expedition	2a	a definir	08 e 09 de Agosto	100	-
CARI - LASKPÉ	-	Juazeiro - BA	15 e 16 de Agosto	100	-
Adventure Camp	-	Ubatuba - SP	16 de Agosto	25 ou 50	-
Campeonato Capixaba de CA	3a	Vitória - ES	29 de Agosto	a definir	-
Terra de Gigantes Fast	-	a definir - RJ	30 de Agosto	80	-
CICA - Cangaço	-	a definir	30 de Agosto	a definir	-
Circuito Aventure-se de CA	4a	a definir	06 de Setembro	a definir	-
Ultramacho	3a	Nobres - MT	11, 12, 13 de Setembro	30 ou 50	-
Haka Mini Race	3a	Avaré - SP	12 de Setembro	15	-
Haka Race	3a	Avaré - SP	12 de Setembro	35 ou 50	-
Circuito Sta. Cruz de Aventura	3a	Parque de Eventos - RS	12 e 13 de Setembro	20, 30 ou 50	Urbano e Rural
Ultra ADV	2a	Pindamonhangaba (SP) - Serra da Mantiqueira	19 de Setembro	20 ou 50	-
Campeonato Capixaba de CA	4a	a definir	03 de Outubro	a definir	-
Bituin Grande	-	Grande Florianópolis - SC	03 e 04 de Outubro	30 ou 60	-
Paraty Multisport Spirit	-	APA Cairuçu (Paraty - RJ)	10 de Outubro	40 ou 70	Urbano e Rural
CARI - Desafio dos Sertões	-	Vale do São Francisco - BA	10 e 11 de Outubro	130	-
Circuito PRO Adventure	3a	Londrina (PR)	11 de Outubro	a definir	-
Ecomavrick Rio das Ostras	-	Rio das Ostras - RJ	24 de Outubro	40 ou 80	-
Circuito Sta. Cruz de Aventura	4a	Parque da Gruta - RS	07 e 08 de Novembro	20, 30 ou 50	Urbano e Rural
Haka Mini Race	4a	Passa Quatro - MG	08 de Novembro	15	-
Haka Race	4a	Passa Quatro - MG	08 de Novembro	35 ou 50	-
Adventure Race World Championship	-	Serra do Amolar - MT	15 a 21 de Novembro	800	-
Ultramacho	4a	Pantanal (Poconé) - MT	27, 28 e 29 de Novembro	30 ou 50	-
Campeonato Capixaba de CA	5a	a definir	05 de Dezembro	a definir	-
CARI - Integração	-	a definir	05 e 06 de Dezembro	50	-
Odisséia Corrida de Aventura	3a	Alagoas	a definir	a definir	-

IAR
WORLD CHAMPIONSHIP
PANTANAL 2015

7 dias
800 km
sem parar

São esperados:
+400 atletas
14 nacionalidades

+700 pessoas
acompanhando o evento

+40 jornalistas
brasileiros e estrangeiros,
produzindo conteúdo para
+ de 41 países

VALOR DE EXPOSIÇÃO DE MÍDIA ESTIMADO EM **R\$ 18 MILHÕES**
(valor estimado de retorno sobre as matérias em TV, impresso e online)
*Em 2013, a cifra chegou à casa dos R\$ 14.500.00

A PERFEITA COMUNHÃO ENTRE **ESPORTE, TECNOLOGIA, NATUREZA E TURISMO, ESTIMULANDO A ECONOMIA LOCAL**

E VOCÊ ESTÁ PREPARADO PARA FAZER PARTE?

contato@ligaoutdoor.com.br

Figura 1 - Divulgação do Campeonato Mundial de Corrida de Aventura 2015

Com o aumento do número de eventos, é razoável considerar que os organizadores passem a buscar locais de prova cada vez mais exóticos, primitivos e menos explorados para diferenciar seu evento dentre os demais, agregando valor à experiência do atleta e angariando mais patrocínios e participantes. Um exemplo dessa lógica é a imagem da Figura 2 que destaca, entre os motivos para participar da corrida em questão, o local privilegiado e o percurso inédito e desafiador.

Faltam 06 dias

06 Motivos para não ficar de fora:

- 1) Excelente estrutura pré e pós prova
- 2) Presença das melhores equipes e corredores do Brasil
- 3) Local privilegiado
- 4) Percurso inédito e desafiador
- 5) Brindes de Canivete CIMO, Copos e Squezzes BB Brindes e Kailash
- 6) Adrenalina, diversão e competição numa noite inesquecível

CIMO
TECNOLOGIA A FIO

BB Brindes
.com.br
A SUA FÁBRICA DE BRINDES NA BAHIA

ODEBRECHT
Realizações Imobiliárias

QUINTAS PRIVATE RESIDENCES

CRISTAL

Figura 2 - Imagem promocional de Corrida de Aventura

A tendência do mercado liberal de diferenciar produtos e serviços para obter maior participação de mercado e aumentar o número de vendas faz com que:

[...] entidades organizadoras das mais diversas modalidades esportivas percebam a necessidade de agregar valor à competição esportiva, transformando-a num espetáculo. Isso significa desvincular a percepção de satisfação do consumidor do resultado da competição. Claro que o resultado sempre será importante, mas à medida que outros serviços são agregados ao evento esportivo, como por exemplo, lojas, bares, restaurantes, e um estacionamento seguro, a competição se transforma em espetáculo, e mais, em experiência de consumo. Quanto melhor a experiência, maior a adesão do consumidor [...]. (Bartoletti, 2010, p. 7)

Uma possível preocupação no caso da organização de Corridas de Aventura (e naturalmente de outros esportes de aventura também) é que, para intensificar a experiência de consumo do atleta, a organização marginalize a preocupação com a conservação do meio ambiente escolhendo os locais e datas de prova, principalmente, por conveniência logística.

De forma análoga ao crescimento do uso público em ambientes naturais por meio de outras atividades desporto-recreativas (Maroun & Vieira, 2007; Reid, 2003; Worachananant, Carter, Hockings, & Reopanichkul, 2008), a organização das Corridas de Aventura levanta questões inerentes à gestão ambiental, ao uso público em unidades de conservação e às ações de educação ambiental.

Isso porque, além dos potenciais impactos ao ambiente biofísico causados pelo grande fluxo de pessoas e equipamentos em um mesmo intervalo de tempo e em espaço determinado, as Corridas de Aventura impõem questões sociais importantes. Uma delas se refere ao uso de bens públicos, ainda que limitado pela duração do evento, por uma parcela restrita da população, não raramente sobrepondo interesses particulares, como os das empresas organizadoras e patrocinadoras, ao interesse público e à própria conservação ambiental (Alves & Almeida, 2009; Lobo, 2007; Newsome et al., 2011).

Apesar do cenário aparentemente negativo das Corridas de Aventura, é importante ressaltar que sua popularização derivou de um crescente interesse das pessoas em estar em ambientes naturais e não apenas em superar limites físicos (Ferreira et al., 2005), e que atividades desporto-recreativas

nesses ambientes podem ser utilizadas positivamente como estratégia de educação ambiental aproximando homem e natureza, desde que exista o devido planejamento em concordância com o Plano de Manejo das Unidades de Conservação (Bruhns, 1997, 2003; Takahashi, 2004).

4 REGULAMENTOS VOLTADOS À SUSTENTABILIDADE DAS CORRIDAS DE AVENTURA

Esta seção discute itens de regulamentos de Corridas de Aventura e de outros eventos esportivos de aventura realizados no Brasil e no exterior buscando apontar ações de cunho socioambiental que tenham sido utilizadas como estratégias de prevenção, manejo ou compensação dos possíveis impactos decorrentes desses eventos.

Nesse sentido, a história das Corridas de Aventura no Brasil não iniciou de forma negativa, pois o primeiro evento do gênero realizado no país, a Expedição Mata Atlântica “Ilha Bela – Caraguatatuba” em 1998, exigiu das equipes participantes a limpeza das trilhas que compuseram o percurso de prova nos núcleos Caraguatatuba e Ilha Bela do Parque Estadual da Serra do Mar (Ferreira, 2003).

Na edição de 1999 da Expedição Mata Atlântica realizada no Parque Estadual Turístico do Alto do Ribeira (PETAR) em São Paulo, as equipes participantes tiveram que apresentar, no ato da inscrição, um projeto socioambiental para ser implantado nas regiões de entorno do parque. O projeto deveria apresentar sugestões para o desenvolvimento sustentável, recuperação ou revitalização de áreas ou comunidades do entorno. Além disso, as equipes deveriam se comprometer a colaborar voluntariamente em um trabalho de campo na região a ser realizado em data anterior ao início da prova. Os melhores projetos apresentados foram selecionados pela organização do evento, juntamente com o Instituto Florestal, para aplicação na região da competição (Ferreira, 2003).

Já na edição de 2000 da Expedição Mata Atlântica, realizada de Parati à Ubatuba, as 33 equipes participantes tiveram que executar 50 km de limpeza em uma estrada que interligava as unidades de conservação ambiental integrantes do percurso de prova. Ademais, providenciaram também a doação de materiais escolares, medicamentos, cobertores, capas de chuva e galochas para comunidades locais. Também foram doados equipamentos de segurança, comunicação e divulgação para as unidades de conservação integrantes do percurso como GPS, rádios HT, macas, ataduras e panfletos para a promoção das unidades (Ferreira, 2003).

Na edição de 2001 da Expedição Mata Atlântica, realizada em outro bioma, na Amazônia, as equipes participantes tiveram que doar medicamentos padronizados pela organização para uma comunidade de Alter-do-Chão (PA) e, para essa mesma comunidade, foram ministradas palestras nas escolas sobre coleta de lixo seletiva (Ferreira, 2003).

Dos exemplos mencionados é possível notar o esforço da organização da Expedição Mata Atlântica em realizar projetos de cunho socioambiental que possibilitassem algum tipo de auxílio às comunidades e Unidades de Conservação envolvidas com as Corridas de Aventura. Ainda que tais iniciativas possam ser criticadas como projetos assistencialistas de pequeno porte, caracterizam ações que possuem um mínimo de responsabilidade socioambiental para com as comunidades e territórios em questão. Apesar de tais projetos poderem ser vistos também como estratégias de promoção para melhorar a imagem dos eventos esportivos e das empresas organizadoras, são iniciativas indispensáveis e que devem ser somadas a outras na procura, pela organização, de eventos menos impactantes de forma negativa.

Outro exemplo de Corrida de Aventura que acontece no Brasil é o Circuito de Corridas de Aventura Chauás, com três etapas anuais, que acontece em Bertioga (SP), na Serra da Mantiqueira (SP) e em Juquiá (SP). A organização também exige das equipes participantes o comprometimento em prestar auxílio às comunidades locais, embora no regulamento não esteja claro que tipo de ação é

solicitada (Chauás, 2013). O item 2 da seção de penalidades do regulamento dessas provas dispõe que:

Comportamento inadequado ou atentatório, degradação da fauna e flora locais, destruição de equipamentos e instalações pertencentes a ORGANIZAÇÃO ou terceiros, e/ou sabotagem incorrerão na desclassificação da equipe inscrita à qual pertence o infrator, além da responsabilidade civil e criminal do ato. Casos brandos de degradação incorrerão em penalização. (Chauás, 2013)

Já o item 6 do código de penalidades determina que “qualquer tipo de lixo indevidamente disposto incorrerá em penalização da equipe” (Chauás, 2013).

É interessante observar no item 2, a preocupação da organização desse circuito de Corrida de Aventura com a degradação do patrimônio natural e material, embora alguns aspectos não fiquem claros como por exemplo, como é feita a medida de intensidade dos impactos ambientais que levam um ato a ser considerado brando ou grave.

O regulamento do campeonato mundial de Corrida de Aventura que aconteceu no Brasil em 2015 no Pantanal, o AR World Championship, discrimina claramente os níveis de intensidade da degradação ao meio ambiente por meio de um sistema de cores (AR World Championship, 2015b):

7. Meio Ambiente: as equipes deverão tratar o meio ambiente e a paisagem do percurso com respeito, deixando os mínimos vestígios de sua passagem;

7.1. Todo lixo deverá ser carregado para fora do percurso da prova e descartado nos locais apropriados (tais como latas de lixo) [AZUL]/ [AMARELA];

7.2. Todo lixo produzido por uma equipe em uma AT-área de transição deverá ser descartado em recipiente apropriado, caso seja oferecido pela Organização, ou carregado junto com o equipamento das equipes para que seja descartado em local apropriado [AZUL]/ [AMARELA];

7.3. Não se deve acender fogueira, a não ser que haja uma emergência ou aprovação da Organização [AZUL];

7.4. Respeite os animais selvagens e domésticos, e interfira o mínimo possível [AZUL]; 7.5. Caso um atleta necessite defecar, deve fazê-lo em um banheiro. Quando isso não for possível, isto deve ocorrer longe de cursos d'água e as fezes devem ser enterradas [AZUL];

7.6. Adote a atitude de mínimo impacto sobre a vegetação, de maneira apropriada para proteger o meio ambiente [AZUL].

As cores designadas ao lado das possíveis infrações representam a severidade das mesmas e significam:

10.4.2. Penalidades [AZUIS] são as menos severas, e aplicadas em caso de pequenas infrações ou erros administrativos da equipe. Normalmente são uma penalidade de tempo entre 30 minutos e 2 (duas) horas, conforme determinado pelo Árbitro de Prova ou Diretor de Prova. (AR World Championship, 2015b)

Já a penalidade amarela que pode ser atribuída ao descarte inapropriado de lixo (conforme os itens 7.1 e 7.2) representa:

10.4.3. Penalidades [AMARELAS] são mais severas e aplicadas para infrações mais significativas, ou no caso da aplicação de uma segunda penalidade [AZUL]. Normalmente são uma penalidade

de tempo entre 2 (duas) a 6+ (seis ou mais) horas, conforme determinado pelo Árbitro de Prova ou Diretor de Prova. (AR World Championship, 2015b)

O código de penalidade desse evento conta com três níveis de severidade, sendo que as penalizações para transgressões ao meio ambiente não se enquadram como as mais graves (cor vermelha), apenas como leves e moderadas, respectivamente azuis e amarelas.

Por outro lado, o Circuito Aventure-SE de Corridas de Aventura do Estado do Sergipe (SE) no ano de 2015 sequer incluiu entre as penalidades do seu regulamento geral, itens relativos a ações desrespeitosas ou danosas ao meio ambiente, conforme os artigos de penalização reproduzidos na sequência:

DA PENALIZAÇÃO ou DA DESCLASIFICAÇÃO:

Art. 18º - À equipe que receber ajuda externa fora dos pontos de apoio determinados pela organização;

Art. 19º - À equipe que não obedecer à sequência cronológica dos PCs e seguir adiante na prova;

Art. 20º - Cometer atitudes antidesportivas, agressivas e/ou destrutivas;

Art. 21º - Usar qualquer transporte não autorizado pela organização para progredir, ou avançar na competição;

Art. 22º - Usar mapa não autorizado;

Art. 23º - Usar guia local para conduzir a equipe, ou integrante para obter vantagem;

Art. 24º - Agredir moral, ou fisicamente algum participante da corrida ou pessoas naturais da região;

Art. 25º - Desistir da prova. (Aventure-SE, 2015)

Já a 10a Corrida Papaventura, realizada no município de Venâncio Aires no Rio Grande do Sul em 2015, inseriu não como penalidades, mas como deveres e direitos do atleta participante as seguintes condições:

4. Direitos e Deveres dos Participantes

4.1 Dos Direitos:

[...]

Exigir responsabilidade ambiental, social e cultural para com toda a comunidade local e com todos os participantes, equipes, organização, imprensa e demais integrantes do evento em questão.

4.2 Dos Deveres:

[...]

Respeitar e conservar os ambientes compartilhados no desenvolvimento das atividades ao ar livre, visando usufruí-los de maneira sustentável e buscando minimizar ao máximo todo e qualquer impacto socioambiental gerado antes, durante e depois do desenvolvimento das atividades. (Instituto Papaventuras, 2015).

Uma Corrida de Aventura organizada pela Associação de Montanhismo do Noroeste Fluminense em 2010, a 1a Corrida de Aventura de Itaperuna, teve por sua vez, dois itens de penalidade em seu regulamento de prova bastante rígidos com relação a atitudes potencialmente nocivas ao meio ambiente:

14. PENALIDADES:

14.1 Nenhuma pessoa envolvida na prova poderá fazer fogueiras durante a realização da mesma, salvo as autorizadas pelos fiscais de prova. Também não será permitido o corte de árvores,

arbustos, ou outra vegetação para quaisquer fins. A preservação da natureza e sua melhoria deve ser uma meta maior do que qualquer resultado na corrida. A punição será a desclassificação.

14.2 É proibido jogar lixo de qualquer espécie na mata ou em áreas públicas, principalmente embalagens de alimentação, detritos industrializados e não degradáveis. É obrigação de todos os participantes da prova recolher o lixo que encontrarem pelo caminho, mesmo sendo ele de outra equipe ou de outra origem. A punição será a desclassificação. (AMNF, 2010)

Outra prova com punição para atletas que descartam lixo sólido no percurso foi a El Cruce 2014, uma Corrida de Montanha realizada em três dias, com percurso de 100 km, atravessando a Cordilheira dos Andes entre Chile e Argentina (El Cruce, 2014).

Em seu regulamento também não fica claro como a fiscalização deveria ser feita (se por fiscal da prova, guarda florestal ou mediante a apresentação de fotos tiradas por equipes adversárias), mas tratou-se de uma ação integrada ao evento e um exemplo de caminho a explorar para melhorar a qualidade dos eventos de esporte de aventura e do uso público recreativo em áreas naturais protegidas.

5 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conservação e o arranjo de espaços de lazer são problemas enfrentados pela sociedade moderna há anos na busca por garantir um equilíbrio entre as obrigações do trabalho escolar, profissional e doméstico e a recreação (ou recriação) do indivíduo no seu tempo liberado do trabalho (Dumazedier, 2008).

Há anos também a busca pelo lazer em áreas naturais levanta questões interdisciplinares sobre a melhor gestão desses espaços e das atividades que neles são realizadas para que o uso público recreativo possa se prolongar de maneira sustentada. No caso das Corridas de Aventura, como visto neste artigo, observa-se uma preocupação com a conservação das trilhas e espaços por onde passam as corridas por parte de alguns organizadores.

Porém, nos materiais aqui revisados, nem sempre fica claro como as fiscalizações são realizadas durante os eventos para efeito da aplicação das penas previstas nos regulamentos e tampouco foi possível encontrar indícios de outras estratégias de planejamento, como a observação de períodos mais suscetíveis a erosões que podem ser agravadas com a passagem dos atletas e que devem ser incluídas nos planejamentos de prova com o objetivo de conservação do ambiente.

A revisão indicou que a preocupação socioambiental dos organizadores de Corridas de Aventura parece estar ainda no nível da ação dos atletas, o que leva à redação de alguns regulamentos de prova que penalizam equipes que degradam o meio, mas tal preocupação ainda não parece se manifestar ao nível de planejamento dos eventos para além das ações compensatórias como mutirões de limpeza, doações etc.

Isso quer dizer que, a organização das Corridas de Aventura, desde 1998, quando teve seu início no Brasil, vem sendo realizada com pequenas ações voltadas à reparação ou compensação de impactos socioambientais. Porém, devido à distribuição dos eventos no calendário anual não parece haver um planejamento prévio que considere, por exemplo, o regime de chuvas das diferentes regiões; o quanto as chuvas, somadas ao fluxo de atletas, podem aumentar processos erosivos; a época de reprodução de espécies ameaçadas; se a data do evento poderá coincidir com o período de defeso dos animais etc.

Assim, parece claro que o estudo da organização das Corridas de Aventura e de outros eventos similares deve contemplar os grupos de interesse do uso público recreativo em Unidades de Conservação, em especial os organizadores desses eventos, para melhor compreender até que ponto estratégias de gestão sustentável são utilizadas no planejamento e organização dos mesmos, pois não basta apenas um regulamento com penalidades para infratores do meio ambiente se não se sabe como

a fiscalização é feita durante os eventos, nem que tipo de prioridade os organizadores atribuem no momento de escolha dos locais e datas de prova.

A respeito dessa última consideração caberia, em futuros estudos, entender o quanto os organizadores priorizam fatores financeiros e logísticos sobre os de conservação do ambiente, no planejamento das corridas, ou se há hoje uma crescente equalização de importância entre esses fatores tendo em vista o conhecimento dos potenciais impactos socioambientais de eventos esportivos em áreas naturais protegidas e a crescente preocupação com negócios sustentáveis em todos os setores de mercado.

Isso quer dizer entender, por exemplo, se uma data de evento é escolhida por determinação de patrocinadores ou interesse particular da empresa organizadora desconsiderando o regime de chuvas (que pode intensificar erosões), outros usos turísticos, locais da região (que pode intensificar conflitos de uso) e períodos reprodutivos de espécies ameaçadas.

Esportes de aventura não acontecem em uma instalação esportiva qualquer cujas preocupações de manutenção afetam exclusivamente os usuários e mantenedores do negócio, mas sim em áreas naturais, frequentemente protegidas e públicas, cuja conservação afeta as comunidades animal, vegetal e humana, além de afetar diretamente a própria manutenção dos negócios de aventura, pois com os recursos naturais prejudicados (trilhas erodidas, sujas, ausência de atributos naturais estéticos – flora e fauna) também diminuirá a procura desses espaços naturais para a prática de esportes.

REFERÊNCIAS

- Adventuremag. (2015a). *Haka Race abre temporada 2015 com recorde de inscritos*. Recuperado em 17 março, 2015, de <http://www.adventuremag.com.br/noticias/14/4776/haka-race-abre-temporada-2015-com-recorde-de-inscritos.html#sthash.IR6C9iqG.IUt7ABrp.dpbs>
- Adventuremag. (2015b). *Monte seu calendário de Corridas de Aventura 2015*. Recuperado em 18 março, 2015, de http://www.adventuremag.com.br/noticias/14/4732/monte-seu-calendario-decorridasdeaventura2015.html?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Fee+d%3A+Adventuremag+%28Adventuremag++Esportes+de+Aventura%29#sthash.FLUJOvwM.dpbs
- Alves, A. P., & Almeida, A. R. de, Jr. (2009). *Corrida de Aventura: Entre o Esporte e o Marketing. In II Colóquio Binacional Brasil-México de Comunicação*, São Paulo, Brasil.
- Arnegard, J., & Sandell, K. (2012, August). *Outdoor recreation in times of change*. In *6th International Conference on Monitoring and Management of Visitors in Recreational and Protected Areas*, Stockholm, Sweden, pp. 21-24.
- AR World Championship. (2015a). *Equipes inscritas*. Recuperado em 20 dezembro, 2015, de <http://arwcpantanal.com/pt-br/a-corrida/equipes/>
- AR World Championship. (2015b). *Regulamento*. Recuperado em 16 março, 2015, de <http://arwcpantanal.com/pt-br/rules-2/>
- Associação de Montanhismo do Noroeste Fluminense. (2010). *1a Corrida de Aventura de Itaperuna – Regulamento*. Recuperado em 24 março, 2015, de http://www.itaperunaonline.com.br/portal/regulamento_corrida_aventura.pdf

- Aventure-SE (2015). *Regulamento*. Recuperado em 25 março, 2015, de https://word.office.live.com/wv/WordView.aspx?FBsrc=https%3A%2F%2Fwww.facebook.com%2Fattachments%2Ffile_preview.php%3Fid%3D818850624836863%26time%3D1427293170%26metadata&access_token=1081267894%3AAVL_PWXpuFKZnofWPPpLJh7XQeGNIh506GuVCVSu432AjQ&title=REGULAMENTO+DO+AVENTURE-SE+2015..docx
- Bartoletti, C. T. (2010). *Marketing e consumidor do esporte*. Monografia (Bacharelado em Esporte) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Bitencourt, V., & Amorim, S. (2006). Corrida de Aventura. In L. Costa da (Org.), *Atlas do Esporte no Brasil: Atlas do Esporte, Educação Física e Atividades Físicas de Saúde e Lazer no Brasil*, Rio de Janeiro: CONFEF, pp. 457-458.
- Bruhns, H. T. (1997). Lazer e meio ambiente: Corpos buscando o verde e a aventura. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 18, n. 2, São Paulo, 86-91.
- Bruhns, H. T. (2003). No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções. In A. Marinho, H. T. Bruhns (Org.), *Turismo, lazer e natureza*. São Paulo: Manole, pp. 29-52.
- Confederação Brasileira de Corrida de Aventura (2013). Recuperado em 23 agosto, 2015, de <http://www.adventuremag.com.br/hotsite/cbcaventuraorg/>
- Chauás. (2013). *Regulamento – Projeto Social e Ecológico*. Recuperado em 8 março, 2014, de <http://www.chauas.com.br/300km/documentos/regulamento/>
- Chauás. (2013). *Regulamento – Penalidades*. Recuperado em 8 março, 2014, de <http://www.chauas.com.br/300km/documentos/regulamento/>
- Dumazedier, J. (2008). *Sociologia empírica do lazer* (3th ed.). São Paulo: Perspectiva.
- El Cruce. (2014). *Regulamento*. Recuperado em 8 março, 2014, de <http://elcrucecolumbia.com/volcanes-en-patagonia/reglamento/>
- Ferreira, D. M., Andrade, A., & Portela, A. (2005). Caracterização do perfil socioeconômico, motivacional, de estresse e ansiedade em competidores de Corrida de Aventura. *Revista Digital Lecturas: Educación Física y Deportes*, 91, ano 10. Recuperado em 23 agosto, 2013, de <http://www.efdeportes.com/efd91/aventura.htm>
- Ferreira, L. F. S. (2003), *Corridas de Aventura: Construindo novos significados sobre corporeidade, esportes e natureza*. 161f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.
- Hammit, W. E., & Cole, D. N. (1998). *Wildland recreation: ecology and management* (2th ed., 361p.). Nova Iorque: John Wiley & Sons.
- Instituto Papaventuras. (2015). *Regulamento*. Recuperado em 3 abril, 2015, de <http://www.papaventuras.com.br/site/papacorrida.php?pag=regulamento>

- Kay, J., & Laberge, S. (2002). Mapping the field of 'AR': Adventure racing and Bourdieu's concept of Field. *Sociology of Sport Journal*, 19, 25-46.
- Lei n. 9.985, de 18 de julho de 2000. (2000). *Ministério do Meio Ambiente. Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. Diretoria de Ecossistemas. Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC)*. Brasília: MMA/IBAMA.
- Liga Outdoor. (2015). *AR World Championship Pantanal*. Recuperado em 9 março, 2015, de <http://us1.campaignarchive2.com/?u=1e05ce58bc488d4493fedde50&id=1ab2364407&e=da267a8254>
- Lobo, F. (2007). *Radical e polêmica*. Recuperado em 16 abril, 2015, de http://www.oeco.org.br/reportagens/2095-oeco_24694
- Magro, T. C. (1999). *Impactos do uso público em uma trilha no planalto do Parque Nacional do Itatiaia*. São Carlos, 135 p. Tese (Doutorado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo.
- Manning, R. (2009). *Parks and people*. Vermont: University of Vermont Press.
- Maroun, K., & Vieira, V. (2007). Impactos ambientais positivos são possíveis nos esportes praticados em ambientes naturais? *Revista Digital Lecturas: Educación Física y Deportes*, ano 12, n.108. Recuperado em 25 setembro, 2014, de <http://www.efdeportes.com/efd108/impactos-ambientais-positivos-nos-esportes-praticados-em-ambientesnaturais.htm>
- McMaster, A. (2003). Adventure racing: The how, what and why, *Triathlon and Multi-sport Magazine*, 6, p. 8.
- Muradás, R., & Burgos, L.T. (2008), Motivos que levam o indivíduo a participar de Corridas de Aventura. Estudo realizado com equipes amadoras de Corrida de Aventura no Estado do Rio Grande do Sul, *Revista Digital Lecturas: Educación Física y Deportes*, ano13, n.124. Recuperado em 25 setembro, 2014, de <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Motivos%20que%20levam%20o%20indiv%20a%20participar%20de%20corridas%20de%20aventura.pdf>
- Muradás, R., & Mattos, K. M. de. (2009). Nutrição em Corrida de Aventura: Fator decisivo para um melhor desempenho, *Revista Digital Lecturas: Educación Física y Deportes*, ano 14, n. 133. Recuperado em 25 setembro, 2014, de <http://www.efdeportes.com/efd133/nutricao-em-corrída-de-aventura.htm>
- Newsome, D., Lacroix, C., & Pickering, C. (2011). Adventure Racing Events in Australia: Context, assessment and implications for protected area management, *Australian Geographer*, 42:4, 403-418.
- Paterson, D. (1999), Adventure Racing: Guide to Survival. *Sporting Endeavours*, 152p.
- Pociello, C. (1994) Le future comm une nouvelle forme d'enjeu. In J. P. Clement, J. Defrance, & C. Pociello (Ed.), *Sport et pouvoirs au XXe siecle*, Presses Universitaires de Grenoble.

- Reid, T. R. (2003). Os sherpas: A montanha é sagrada para eles, e, depois da chegada dos turistas, seu principal ganha-pão. *National Geographic Brasil*. Ano 4, n. 37, p. 80.
- Roncero-Siles, M. F. (2009). *Efeitos da intensidade de pisoteio sobre vegetação e solos em trilhas de floresta Atlântica*. Tese (Doutorado em Ecologia) – Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo.
- Spink, M. J., Aragaki, S. S., & Alves, M. P. (2005). Da exacerbação dos sentidos no encontro com a natureza: Contrastando esportes radicais e turismo de aventura. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(1), 26-38.
- Takahashi, L.Y. (2004). Uso público em unidades de conservação. Curitiba: Fundação ‘O Boticário de Proteção à Natureza’, *Cadernos de Conservação*, ano 2, n. 2, p. 40.
- Worachananant, S., Carter, R.W., Hockings, M., & Reopanichkul, P. (2008). Managing the impacts of SCUBA divers on Thailand’s Coral Reefs. *Journal of Sustainable Tourism*, 6, 645-663.
- Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso – Planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.

¹ Relato pessoal do organizador Luís Leandro Grassel, L&E Eventos, 2014.